



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
COMANDO DO PESSOAL
ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO**

CONCURSO DE ADMISSÃO AO 49ºCFS

Teste de Português da Prova de Aferição de Conhecimentos

Prova Modelo

INSTRUÇÕES:

1. Coloque o seu Bilhete de Identidade Militar ou Cartão do Cidadão sobre a mesa, a fim de ser conferida a sua identidade.
2. Para o preenchimento da Folha de Respostas só pode utilizar canetas ou esferográficas de cor **preta** ou **azul**.
3. Na Folha de Respostas, inscreva com letra legível e em maiúsculas, o seu posto, NMec/NIP/NII, **n.º de candidato**, nome completo.
4. É proibido destacar ou acrescentar qualquer folha à Folha de Respostas. Se necessitar de folhas de rascunho utilize as folhas do enunciado ou solicite-as ao graduado responsável.
5. A prova tem a duração de 50 minutos.
6. No final da prova, é apresentada a distribuição das pontuações dos diversos itens.
7. Leia atentamente toda a prova antes de a iniciar.
8. Em cada item, escreva a resposta que considerar correta.
9. Nos itens de escolha múltipla, indique apenas a letra correspondente à resposta correta.
10. Se, em algum item, der mais do que uma resposta, a respetiva pontuação não será atribuída.
11. Quando terminar a prova, se ainda dispuser de tempo, deve relê-la, confirmar as suas respostas, e aguardar em silêncio que termine o tempo de duração a prova. Volte a Folha de Respostas para baixo.
12. Durante a execução da prova não é permitido ausentar-se da sala, exceto por razões de força maior.
13. A prova inicia e termina à ordem do graduado responsável.
14. Quando for dada a ordem de terminar, deve pousar de imediato a caneta, colocar-se de pé e aguardar as indicações do graduado presente.
15. Finda a prova, pode levar o enunciado consigo.
16. Bom trabalho.

A prova é constituída por quatro grupos (I, II, III, IV), cada um com cinco itens.

Selecione, em cada um dos itens, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

GRUPO I

	A dor de não saber
	28 de março de 2017
	A palavra preocupação diz tudo: pre-ocupação. Ainda antes de sermos (ou não) ocupados por um mau acontecimento, já lá estamos de visita, a experimentar as várias, hipotéticas desventuras.
5	É escusado reconhecer que é uma perda de tempo. Isso já nós sabemos. Bem podemos perguntar: porque não te guardas para o momento em que souberes o que te aconteceu? Porque não adias mais esta visita ao poço de todas as tuas lágrimas, onde vive o papão que engordaste com todos os teus medos? Como aceitas tu sofrer sem conhecer a causa? Não faz diferença.
10	Às vezes, quando vem o momento e não acontece o que se temeu, já é tarde. A preocupação exausta. Não sobra lugar na alma para a despreocupação. É como ter uma sala tão cheia de tralha que não cabe lá um braço.
15	Uma criança estava obcecada com um jogo de futebol, convencida que a equipa dela ia perder. Sonhou com cada um dos golos que ia sofrer. Quando chegou o dia do jogo já estava cansado de perder, vez após vez. Quando o jogo acabou e a equipa dela empatou ela limitou-se a trocar de tristeza. Não gozou alívio nenhum de não ter perdido, como tanto tinha receado. Foi como se tivesse esgotado antecipadamente o filão de sofrimento reservado para a derrota. Se a equipa tivesse realmente perdido, o luto já estava feito. Só restava o sofrimento — novinho em folha — que estava guardado para o empate.
20	O contrário de preocupar não é despreocupar. É desocupar. E desocupar é mais difícil quando a nossa alma já está ocupada, a pensar e a sofrer.
	Miguel esteves Cardoso, in https://www.publico.pt (extraído a 28 de março de 2017)

1. O objetivo desta crónica é mostrar que

- a) o sofrimento gerado por um infortúnio ocorrido é maior do que o sofrimento provocado pela preocupação a respeito de um facto por ocorrer.
- b) o que desconhecemos não pode provocar qualquer tipo de sofrimento, por isso é preferível viver na ignorância.
- c) é essencial aprendermos a desocupar a nossa mente de memórias inúteis para que ela se concentre realmente nos sonhos que queremos realizar.
- d) O sofrimento causado pelo facto de se viver antecipadamente um eventual infortúnio é inevitável.

2. O cronista considera que

- a) não há argumentos que sejam eficazes na libertação da mente relativamente a um possível mal futuro.
- b) quando tomamos consciência de que é uma perda de tempo, a preocupação desconcertante extingue-se.
- c) temos recursos psíquicos suficientes para adiar a sofrimento para o momento em que a desventura ocorre.
- d) só repousamos realmente quando verificamos que o que temíamos não aconteceu.

3. A criança “já estava cansad[a] de perder” (linhas 13-14) porque

- a) a sua equipa perdia habitualmente e isso provocava um sofrimento continuado.
- b) o receio de vir a perder era a experiência de uma perda antecipada e contínua.
- c) a derrota é uma experiência tão avassaladora que, quando acontece, esgota o indivíduo.
- d) a criança sabia que o cansaço da espera haveria de esgotar os jogadores, levando-os à derrota.

4. Na frase “Ainda antes de sermos (ou não) ocupados por um mau acontecimento” (linhas 1-2) a forma verbal “sermos” encontra-se no

- a) infinitivo impessoal.
- b) futuro do conjuntivo.
- c) infinitivo pessoal.
- d) pretérito perfeito do indicativo.

5. Na frase “É como ter uma sala tão cheia de tralha que não cabe lá um braço.” (linhas 10-11) a palavra “que” inicia uma oração

- a) subordinada adjetiva relativa.
- b) subordinada adverbial concessiva.
- c) subordinada consecutiva.
- d) subordinada substantiva completiva.

GRUPO II**Elegia do Ciúme**

A tua morte, que me importa,
se o meu desejo não morreu?
Sonho contigo, virgem morta,
e assim consigo (mas que importa?)
5 possuir em sonho quem morreu.

Sonho contigo em sobressalto,
não vás fugir-me, como outrora.
E em cada encontro a que não falto
inda me turbo e sobressalto
10 à tua mínima demora.

Onde estiveste? Onde? Com quem?
— Acordo, lívido, em furor.
Súbito, sei: com mais ninguém,
ó meu amor!, com mais ninguém
15 repartirás o teu amor.

E se adormeço novamente
vou, tão feliz!, sem azedume
— agradecer-te, suavemente,
a tua morte que consente
20 tranquilidade ao meu ciúme.

David Mourão-Ferreira, in "Tempestade de verão"

1. No verso 8, o encontro a que se refere o sujeito poético

- a) existia realmente, mas a amada não compareceu.
- b) só existia em sonho, por isso não lhe provoca ansiedade.
- c) era irreal, mas perturbador.
- d) tinha sido solicitado pela amada, mas ele não compareceu.

2. A morte é, surpreendentemente, considerada uma experiência positiva porque

- a) liberta o sujeito poético do ciúme devastador.
- b) impede que a amada volte a abandonar o sujeito poético.
- c) impede que o sujeito poético volte a ser infiel à sua amada.
- d) dá ao sujeito poético a alegria de saber que a amada não voltará a morrer.

3. A pacificação do sujeito poético provém do facto de este saber

- a) que a amada é agora exclusivamente sua.
- b) que a amada não voltará a acusá-lo de repartir com outras o seu amor.
- c) que a morte iminente levá-lo-á para junto da sua amada.
- d) que o ciúme só destrói as relações amorosas.

4. A expressão “ó meu amor!” (verso 14) é uma figura de retórica a que se dá o nome de

- a) apóstrofe.
- b) metáfora.
- c) ironia.
- d) anáfora.

5. Na frase “Sonho contigo, virgem morta” (verso 3), o constituinte sublinhada desempenha a função sintática de

- a) vocativo.
- b) sujeito.
- c) complemento direto.
- d) modificador.

GRUPO III

5	<p>Foi preciso que o Lourenço Ruivo acabasse a militança e voltasse a Galafura com a mão mais apurada para apertar a dela sob a estola. O padre Jaime, o prior de então, abençoou-os como se fossem filhos. E Galafura, depois do arroz doce, pôs-se confiada à espera da felicidade futura do casal. Esquecidos das manhas e artimanhas da vida, todos sonhavam para os dois a ventura que não tinham tido. Só o destino, fiel às misérias do mundo, sabia que fora reservado à Maria Lionça um papel mais significativo: ser ali a expressão humana dum sofrimento levado aos confins do possível. Torná-la imune à desgraça seria desenraizá-la do torrão nativo.</p>
10	<p>O polimento do Ruivo, em que a aldeia pusera tantas esperanças, delira-lhe apenas os calos gerados pelo rabo do enxadão. Não fizera dele o companheiro que a rapariga merecia. Engravatado aos domingos e de costas direitas o resto da semana, ao fim dos nove meses sacramentais, quando o Pedro nasceu, gordo, caladão, rosado, em vez de tirar daquela presença ânimo para se atirar às jeiras, acovardou-se de uma boca a mais na casa, empenhou-se e partiu para o Brasil.</p>
15	<p>A Maria Lionça, essa, ficou. Como todas as mulheres da montanha, que no meio do gosto do amor enviúvam com os homens vivos do outro lado do mar, também ela teria de sofrer a mesma separação expiatória, a pagar os juros da passagem anos a fio, numa esperança continuamente renovada e desiludida na loja da Purificação, que distribuía o correio com a inconsciente arbitrariedade dum jogador a repartir as cartas dum baralho.</p>
20	<p>— O teu homem tem-te escrito, Maria? — perguntava o prior de Páscoa a Páscoa. — Ele não, senhor. Há quinze anos...</p>
25	<p>Não acrescentava a mínima queixa à resposta. Fiel ao amor jurado, deixava que todos os encantos lhe mirrassem no corpo, numa resignação digna e discreta. Com o filho sempre agarrado às saias, como um permanente sinal de que já pagara à vida o seu tributo de mulher, mourejava de sol a sol para manter as courelas fofas e gordas. Depositária do pobre património do casal,</p>
30	<p>queria conservá-lo intacto e granjeado. Se o outro parceiro desertara, mais uma razão para se manter firme e corajosa ao leme do pequeno barco.</p> <p>— Nada, Maria? — O prior já nem se atrevia a alargar a pergunta. — Nada. — Respondia sem revolta ou renúncia na voz. Objetivava a situação, lealmente. O que sentia por dentro era o segredo da sua serenidade.</p>

	<p>Até que um dia o Ruivo deu finalmente notícias. Regressava. E Galafura, solidária com a grandeza humana da Maria Lionça, dispôs-se a esquecer todas as ofensas e a receber festivamente a ovelha desgarrada.</p>
35	<p>Quem representava esse perdão coletivo e essa saúde da alma da terra era o Pedro, o filho, que ao lado da mãe, na estação de Gouvinhas, deixava a imaginação correr desenfreada pela linha fora até se perder nos últimos degraus da escada fugidia feita de aço e sulipas.</p>
40	<p>Infelizmente, o comboio que surgiu ao longe, avançou e passou junto dele a travar o passo trazia dentro uma desilusão. O pai pareceu-lhe uma sombra esbatida da imagem recortada que sonhara.</p>
	<p>— Seu moço está mesmo um homem. — A voz rouca e dolente foi apenas a confirmação duma ruína que se lhe estampava no rosto esquelético, cor de palha. O Ruivo que ficara em Galafura, na caução dum retrato em corpo inteiro, era a saúde personificada. E o Ruivo que,</p>
45	<p>escanchado sobre a cavalgadura que o conduzia, respirava à sobreposse só abstratamente se identificava com o original. Talvez para justificar essa desfiguração, culpado diante da mulher, do filho e dos montes eternamente arejados e limpos da Mantelinha, o renegado confessou tudo. Vinha doente e desenganado. Males ruins... Já lhe custava engolir. E aquela abafação a apertar, a apertar... Mas nada de aflições. Voltava só para morrer.</p>
50	<p>No hospital da Vila os doutores ainda lhe fizeram um furo no pescoço para o aliviar do garrote. Mais uns contos de réis, mas paciência. Galafura, na pessoa da Maria Lionça, se não podia apertar nos braços generosos um corpo comido dos vícios do mundo, queria que ele respirasse ao menos livremente o seu ar puro.</p>
	<p>Um mês depois estava estendido sobre a cama onde noivara, imóvel, muito amarelo, muito seco, já com a alma a dar contas a Deus. E no dia seguinte, pela manhã, a boca do cemitério de Galafura, tragava-lhe os ossos descarnados.</p>
	<p style="text-align: right;">Miguel Torga, «A Maria Lionça» in <i>Contos da Montanha</i>, 8ª edição, Coimbra 1996.</p>

Vocabulário

delir – apagar.

estola – paramento em forma de tira larga que o sacerdote traz em volta do pescoço.

jeira – terreno que uma junta de bois pode lavar num dia, belga, courela, leira.

militança – vida ou carreira militar.

sulipa – cada uma das travessas em que assentam os carris do caminho de ferro.

1. Do ponto do vista do narrador, se Lionça tivesse sido feliz no casamento,

- a) não teria sido, de facto, solidária com as suas conterrâneas quanto ao destino que lhes coubera.
- b) nenhuma das suas conterrâneas a teria aceitado, porque teria tido um destino privilegiado em relação a elas.
- c) seria uma mulher igual a todas as suas conterrâneas e Lionça era realmente diferente.
- d) morreria mais cedo, como acontecia habitualmente na sua terra.

2. Lourenço Ruivo partiu para o Brasil

- a) para encontrar trabalho para sustentar a sua família.
- b) para fugir à responsabilidade de uma família cada vez maior.
- c) para encontrar na cidade um trabalho mais prestigiante do que o trabalho rural.
- d) para abandonar o filho de que não gostou logo que o viu ao nascer.

3. A esperança de Maria Lionça era continuamente renovada e desiludida (linhas 16 e 17) porque

- a) esperava em vão o regresso do marido.
- b) esperava debalde o contributo do marido para as despesas da família.
- c) esperava inutilmente receber notícia do marido.
- d) esperava inutilmente a notícia de que o marido morrera para poder refazer a sua vida.

4. A expressão “pagar à vida o seu tributo de mulher” (linha 23) significa

- a) revoltar-se com o abandono a que o marido a votara.
- b) ser fiel ao marido.
- c) ser trabalhadora e dedicada.
- d) ser mãe.

5. “(...) o comboio (...) trazia dentro uma desilusão” (linhas 36 e 37) porque

- a) Lourenço Ruivo já não amava a sua mulher.
- b) Lourenço Ruivo não correspondia à imagem sadia do pai que Pedro acalantava.
- c) Lourenço Ruivo não se encontrava nesse comboio.
- d) Lourenço Ruivo trazia consigo a família que fundara no Brasil.

GRUPO IV

AFONSO, depois de olhar Pedro alguns instantes.

Se dormísseis um pouco, meu senhor?

PEDRO

Quero antes ouvir-te. Abre a janela e trova, trova muito. Aqui ninguém nos ouve. Faz-me bem.

- 5 *Estende-se no escano, fica imóvel. Afonso abre a janela, ergue a viola, e deita-se no chão aos pés de Pedro. Entra uma aragem, como um gesto de noite adormecida.*

AFONSO, a meia voz, ferindo as cordas.

Sou teu, tu és minha.

Quem morre não parte;

- 10 Nem Deus nem a Morte

Puderam levar-te.

PEDRO, depois de um silêncio.

- 15 Como tu me falas dela, Afonso!... Só a tua voz e os olhos dos meus galgos, nas manhãs de montaria, ao luzir de alva, vêm falar-me de Inês, do meu amor... Na tua voz há ecos da voz dela... nos olhos deles, — não sei quê do seu olhar... Sobretudo na tua voz, e nessa trova... Vá, canta-me outra vez, a mesma, Afonso.

Afonso diz a trova em voz lenta.

PEDRO

- 20 Nem a morte... Dizes bem, Afonso. Nem a Morte... (*Fixando-o*) Vou dizer-te um segredo para te mostrar uma vez mais, como te quero. Ninguém o sabe. Só ela e Deus. Ninguém mais. (*Febrilmente*) Tu sabes porque não durmo há já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza, e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas?... (*Afonso diz que sim num aceno mudo. Pedro passa-lhe a mão pelos cabelos*) Tu conheces-me, Afonso. Tu sabes que é bem outra a minha caça, e há muitos anos já, há muitos anos...

- 25 **AFONSO**, tristemente.

E então, meu senhor, há boas novas?

PEDRO

- 30 Firmei pela calada, com El-Rei de Castela, meu sobrinho, a avença que tu sabes. Está cumprida. Um escambo só, e serão meus. Já mesmo o são: não tardam. Tu verás. Os que fugiram de Castela estão entregues. Os meus vêm a caminho: tu verás. Dei sentença de traição contra eles, como réus contra mim e o meu estado. Há esculcas por todos os caminhos. Vêm avisar-me logo que os avistem. E vêm aí, Afonso... Hein! Boa traça...

Afonso, inquieto, queda a olhá-lo.

35	<p>PEDRO Tu calas-te!... Fala. Sabes como te quero. Não tens nada a temer. Dize... sê franco.</p>
	<p>AFONSO Tenho medo. Medo que mo não perdoeis...</p>
40	<p>PEDRO Fala confiadamente. Tu conheces-me (<i>Com ternura</i>) Dize: dize, que eu adivinho bem o que tu pensas...</p>
45	<p>AFONSO Então perdoai, senhor. Aquando Infante, não fizeste acordo com El-Rei, com El-Rei vosso pai, de perdoar aos matadores de D. Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpris, meu senhor... não...</p> <p><i>Para hesitante.</i></p>
	<p>PEDRO Continua, Afonso, continua.</p>
	<p>AFONSO Sofrei que vo-lo diga: sois perjuro...</p>
50	<p>PEDRO, <i>com um fervor de iluminado.</i> Perjuro!... Conheces tu, Afonso, a minha fé?... Como sabes então se perjurei?... Eu vivo prò Amor e prà Justiça. O meu povo... a corte... mesmo tu, só conhecem de mim o justiceiro. Mas para além da Justiça e bem mais alto, há um rei que te fala e não conheces, que é rei de Portugal e anda na Morte, porque é nela que vive o seu amor... O meu Paço Real, o verdadeiro, é uma cova num</p>
55	<p>claustro, em Santa Clara. (<i>Como em êxtase</i>) Há mais sol nessa cova que no céu. (...) O meu reino é maior do que tu pensas. (...) O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte, a sua natureza de mistério... Há sete anos, Afonso, há já sete anos... Desde que a minha Inês mudou para lá. O nosso amor, Afonso, tem duas asas... Uma é a alma dela... outra é a minha...</p>
60	<p><i>A voz some-se-lhe. Descai a cabeça, como em síncope.</i></p> <p>(...)</p> <p>AFONSO, <i>depois dum silêncio.</i> Perdão, meu senhor. Faláveis há pouco num segredo...</p>
65	<p>PEDRO, <i>interrompendo-o.</i></p>

	<p>Que o não será por muito tempo. Depois do que te disse, podes senti-lo até à raiz, metê-lo na alma. (<i>Olha em frente de si. Alucinado</i>) Eles vêm... Esta noite ainda. Não é verdade, Afonso?...</p> <p>(...)</p> <p>PEDRO, <i>com uma lentidão de esforço</i>.</p> <p>70 Bem. Eles vêm. Quem sabe se não estão já muito perto. (<i>Fica um instante atento</i>) Não se ouve nada. O luar está mais loiro... cor de trança... (<i>Outro tom</i>) Dentro em pouco, vêm os homens de atalaia prevenir-me. Mando acordar Tristão, o meu carrasco. Depois... mas não é este o meu segredo. Sobre isto, está já tudo meditado. Cada gesto: os meus e os do carrasco... Tudo, tudo. E tu verás: todos verão, Afonso. (<i>Levantando as mãos ao pescoço</i>) Tenho sede...</p> <p>75 AFONSO Eu vou buscar-vos...</p> <p>PEDRO Não, não. É outra sede... é outra. (<i>Com uma serenidade aparente</i>) Ora imagina tu que justiça foi feita. E daqui a horas... sim, talvez daqui a horas, justiça será feita. Então, a paz de Deus virá sobre a minha alma. Três dias viverei com o meu amor... (<i>Afonso fixa-o com espanto e com terror</i>) Logo... logo depois de os justicar, vou erguê-la da cova... à minha Inês.</p> <p>80</p> <p style="text-align: right;">António Patrício, <i>Pedro o Cru</i> (1918), drama em 4 atos. (Excerto do primeiro ato).</p>
--	---

Vocabulário

escano – banco comprido e largo, de assento móvel, que constitui uma caixa a que o assento serve de tampa; escabelo.

esculcas – sentinela noturna, guarda avançada, vigia assalariado.

traça – projeto, plano.

1. A observação de D. Pedro “é bem outra a minha caça” (linha 24) significa que

- D. Pedro não aprecia caçar nos bosques do local em que se encontra, porque aí não encontra as presas de que mais gosta.
- as suas presas são humanas e não animais.
- D. Pedro anda à “caça” de novas conquistas sobre Castela.
- D. Pedro quer caçar os traidores portugueses que deram informações de estado ao rei de Castela.

2. Afonso cala-se (linha 35) porque tem receio de acusar o rei de

- ter jurado a seu pai que não se vingaria dos executores de Inês e querer agora executá-los.
- não ser fiel à palavra dada a Inês quando lhe prometeu que não se vingaria dos seus executores.

- c) estar cego pelo ódio e não dar espaço ao amor quando julga o povo.
- d) não estar com intenção de cumprir o pacto que acabou de estabelecer com o rei de Castela.

3. A expressão “nela” (linha 54) refere-se

- a) à justiça.
- b) a Inês.
- c) à fé.
- d) à morte.

4. A frase “O meu reino é maior do que tu pensas” (linha 56) significa que D. Pedro reina em Portugal

- a) mas também no antigo reino dos Algarves.
- b) e no Norte de África, nas praças conquistadas aos mouros.
- c) e no reino espiritual onde se encontra Inês.
- d) e no reino da morte para onde os assassinos de Inês irão brevemente.

5. Na frase “podes senti-lo até à raiz” (linha 65) o pronome sublinhado refere-se

- a) ao segredo do levantamento do corpo de Inês.
- b) ao segredo do pacto com o rei de Castela.
- c) ao segredo da execução dos assassinos de Inês.
- d) ao amor que ainda tem por Inês.

FIM

Chave de correção:

GRUPO I

1 - d

2 - a

3 - b

4 - c

5 - c

GRUPO II

1 - c

2 - a

3 - a

4 - a

5 - a

GRUPO III

1 - a

2 - b

3 - c

4 - d

5 - b

GRUPO IV

1 - b

2 - a

3 - d

4 - c

5 - a